



“A maior felicidade é quando a pessoa sabe porque é infeliz”
Dostoiévski

Relato da reunião do Grupo “É Possível!”, 25 de novembro de 2017 **Clarice Nunes**

Nesta reunião tivemos relatos de evolução do quadro de alguns familiares em relação aos problemas que os afligiam: a melhora do relacionamento entre mãe e filha, com esta última se deslocando para morar em Brasília; o tratamento que antes parecia impossível da mãe, cuidadora de parentes esquizofrênicos em Mossoró, que conseguiu vir ao Rio para atender às suas necessidades básicas de saúde. O interessante foi o efeito que essa saída causou num grupo que aparece, no relato, como disfuncional. Pode-se fazer a analogia com um efeito em cascata, onde a retirada de uma peça rearranjou todo o conjunto numa nova forma, aparentemente mais sadia, com cada um assumindo a responsabilidade que lhe compete, o que anteriormente se reunia nas mãos de uma única pessoa, com a evidente sobrecarga e estresse para quem assume este lugar.

Também tivemos a notícia do andamento da solicitação de curatela da mãe de um dos familiares que ainda não se concluiu, assim como o retorno a alguns temas como o relacionamento dos pacientes com seus médicos psiquiatras, tentativas de suicídio felizmente abortadas, o estresse dos familiares ao lidarem com esquizofrênicos em quadro de grande isolamento e dependência. Houve também o questionamento de até que ponto a terapia psicológica ser de valia para os esquizofrênicos, uma vez que o familiar não vê mudança no comportamento que insiste no não tratamento e portanto recusa tanto a ida ao médico, quanto o uso de medicação.

Teve destaque também o depoimento de um participante que relatou o processo de busca de saúde tanto da esposa, quanto do filho, a primeira com distúrbio bipolar e o filho com transtorno esquizoafetivo. Para ele, o processo do seu próprio filho, frequentando um hospital dia e o diálogo com seu filho saudável colaboraram para que olhasse de frente o seu próprio preconceito com relação aos transtornos mentais e seu tratamento.

Dentre as pessoas que compareceram pela primeira vez ao grupo tivemos o caso de dois irmãos que tem uma irmã atualmente internada e que há longos anos foi diagnosticada com esquizofrenia. Seu tratamento intermitente foi abalado pela morte da mãe com a qual mantinha uma relação muito próxima. Toda a preocupação dos irmãos era com o encaminhamento do tratamento após a internação, já que ela não mantém uma relação amigável sobretudo com o irmão e não tem solicitado a presença da família para visitá-la.

Um caso que sensibilizou a todos foi a de uma familiar em que a esquizofrenia foi diagnosticada em seu esposo após seis anos de idas e vindas a médicos psiquiatras. O drama desenhado mostrou como esse adoecimento está afetando todo o grupo familiar, mas sobretudo a relação entre os esposos. O sentimento da familiar presente é de perda do marido, que passa a ser tratado como mais um filho além dos três que o casal já tem. Ajunte-se a essa situação, a possibilidade do conflito entre crenças religiosas e os diagnósticos tidos como irreversíveis. Foi interessante, e ao mesmo tempo comovente, o relato do choque entre a descoberta de um processo de adoecimento para o qual não há cura e a crença de que para Deus nada é impossível. Ou ainda o dilema de cuidar do outro, mas se “anular” como pessoa, como mulher.

Creio que a grande lição que tiramos da rica troca de experiências como familiares de pacientes esquizofrênicos é a importância de aprendermos a lidar com certas ambiguidades, como por exemplo: a maior ou menor imprecisão e a conseqüente demora no tratamento adequado dirigido ao paciente e a necessidade do diagnóstico preciso para fins judiciais quando se entra com processo de curatela e autorização para recebimento de pensão. Ou ainda a ambigüidade em tratar o paciente como um ser responsável diante da sua vida e do seu tratamento e o rótulo que recebe legalmente como “incapaz”. Ou ainda ter uma legislação que autonomiza o paciente esquizofrênico e pode criar a dificuldade de retirar, em alguns aspectos, uma proteção de que realmente necessita.

Vale a pena transcrever o depoimento de um familiar após o encontro:

“Obrigada por me trazer esperança, saber que em meio a luta temos vivido tempos bons. Esta é minha família [foto da família reunida ao redor de uma mesa] e quero lutar para mantê-la. Cheguei muito feliz em casa!....[] Minha família viu um brilho em meu olhar que há muito tempo não via!”.